

FUTEBOL E IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA CRÔNICA ESPORTIVA NA FINAL DO MUNDIAL DE CLUBES DE 2012 NA FOLHA DE SÃO PAULOEverton de Albuquerque Cavalcanti¹**RESUMO**

A partir das relações que o esporte estabelece com os diversos campos paralelos a sua prática, acreditamos que o entendimento das microquestões histórico-sociais possa colaborar na compreensão do fenômeno futebolístico. Objetivamos então analisar e discutir como a Folha de São Paulo elaborou suas crônicas (discursos) esportivas referentes à conquista do mundial de clubes da FIFA de 2012, conquistado pelo Corinthians. Referenciamos-nos a partir da matriz teórico-metodológica da análise do discurso em Eni Orlandi. O recorte do estudo trata-se das edições do dia 16 e 17 de dezembro de 2012, referindo-se ao dia da final e o dia subsequente à decisão da competição.

Palavras-chave: Corinthians. Cronista. Jornal.

ABSTRACT

Football and the press: an analysis of the sports chronicle in the final of the club world championship in Folha de São Paulo

Based on the relationships that sport establishes with the various fields parallel to its practice, we believe that the understanding of social-historical microquest can contribute to the understanding of the football phenomenon. We therefore aim to analyze and discuss how Folha de São Paulo elaborated its chronicles (discourses) regarding the conquest of the FIFA Club World Cup of 2012, won by the Corinthians. We refer to the theoretical-methodological matrix of discourse analysis in Eni Orlandi. The study's cut is the editions of December 16 and 17, 2012, referring to the day of the final and the day after the decision of the competition.

Key words: Corinthians. Chronicler. Newspaper.

1-Centro Universitário UNIFACEAR, Curitiba-PR, Brasil.

E-mail do autor:
profevertoncavalcanti@gmail.com

Endereço para correspondência:
Av. Pres. Wenceslau Braz, 1893.
Torre 4 Apto 61, Curitiba-PR.
CEP: 81010-000.

INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno cultural que se transforma constantemente a partir do estabelecimento de novas relações entre os campos subjacentes à sua prática.

A política, a economia e a mídia emaranham a construção de um cenário que agrega valor de mercado o contexto futebolístico, retratando-o como parte da indústria cultural de entretenimento (Damos, 2008).

Desde sua introdução no Brasil, o futebol desenvolveu-se de uma prática elitista para uma manifestação popular que afeta o imaginário do público e esse enquadramento do futebol como espetáculo (Proni, 2000) permitiu com que o ideal de identidade nacional se fortalecesse a partir da instituição de relações de consumo entre o torcedor e os agentes organizadores do campo futebolístico.

A profissionalização do esporte pode ter aproximado à mídia para além da cobertura da seleção brasileira, já que a paixão clubística caracteriza-se como um dos fatores que identificam o futebol como um elemento da cultura nacional (Helal e Soares, 2001).

Essa construção de uma identidade nacional ao longo da história não é responsabilidade exclusiva da imprensa, haja vista o fenômeno futebolístico abarcar uma série de relações que impedem tal reducionismo.

Entretanto, reconhecemos o papel que os meios de comunicação exercem como mediador das informações obtidas com os agentes responsáveis pela organização do espetáculo esportivo, as quais são repassadas (com a influência ideológica de quem transmite) ao torcedor/consumidor (Gastaldo, 2000).

Essa relação ampla entre a instituição que elabora, edita e divulga a informação e o sujeito que recebe e ressignifica o discurso perpassa por inúmeras questões políticas e econômicas, as quais passam despercebidas nessa estrutura que determina o futebol como entretenimento.

Acreditamos que a reflexão dessas microquestões facilite a compreensão do fenômeno maior que é o futebol.

Nessa perspectiva midiática, objetivamos analisar e discutir como a Folha de São Paulo elaborou suas crônicas (discursos) esportivas referentes à conquista

do mundial de clubes da FIFA de 2012, conquistado pelo Sport Club Corinthians Paulista.

Segundo Capraro (2007) a crônica é o gênero literário que mais se aproxima do futebol devido sua regularidade, efemeridade e envolvimento social, sendo que sua abordagem colaborou ao longo da história para o desenvolvimento de uma identidade futebolística enquanto elemento da cultura nacional.

Atualmente, a crônica reserva um espaço relevante nos editoriais de esporte de periódicos expressivos nacionalmente.

A exposição de ideias acerca de temáticas oriundas do interesse do cronista identifica não só a confirmação da inserção do gênero no futebol, como a sua ressignificação perante as transformações ocorridas no esporte ao longo da história.

Nesse sentido, questionamos: qual o efeito de sentido entre locutores nos discursos proferidos? Qual a ideologia de quem escreve a crônica? Como a exterioridade afeta a construção do texto? Como se posiciona o cronista em relação à instituição pela qual discursa?

Referenciamos-nos a partir da matriz teórico-metodológica da análise do discurso em Eni Orlandi (1983, 1994, 1996, 2000, 2007).

O recorte do estudo trata-se das edições do dia 16 e 17 de dezembro de 2012, referindo-se ao dia da final e o dia subsequente à decisão da competição.

Segundo Orlandi (1983, 1994, 1996) discurso é o efeito de sentido entre locutores, ou seja, enunciador e enunciatário. Sendo proferido tipologicamente a partir da ideologia implícita em quem discursa, ou seja, o enunciado é compreendido pelos sujeitos capazes de decifrar as entrelinhas do que se fala.

Logo, o discurso é uma das ferramentas da mídia esportiva capaz de tensionar as ações dos agentes interligados a organização do futebol, bem como, proporciona a compreensão dos fatos relacionados aos acontecimentos de um fenômeno que culturalmente extrapola o campo esportivo.

Optamos então pelo referido recorte citado anteriormente, devido à metodologia de análise significar e exigir uma reflexão minuciosa do material selecionado, não

possibilitando grandes amostras, que poderiam delinear uma compreensão superficial da temática.

Além de o texto retratar um estudo de caso, o que nos possibilita afirmar que sua repercussão foi mais incisiva nos momentos próximos ao acontecimento da conquista.

Pré-jogo na crônica esportiva: o mundial de clubes em evidência

Perguntei-lhe o nome do bar. “Ju Toku”. Quis saber o significado e ele fez uma cara de “como é que eu vou explicar pra esse gringo?”, já pegando meu caderninho e desenhando dois ideogramas. “Ju”, me explicou, é “dez”, que no caso quer dizer “bastante”, “mas Toku...Difícil. Toku, muito japoneses”. Pôs, então, a mão no coração. “Toku, coração, só que mais. Toku, coragem. Toku, esforço. Só que mais. Alguém faz coisa difícil? Tem toku. Bravura? Toku!”, dizia Sakurai e batia no peito [...]” (Prata, Folha de São Paulo, 16 dez 2012. p. D3)

O trecho exposto acima, trata da crônica de Antônio Prata, colunista da Folha de São Paulo que foi ao Japão acompanhar o mundial de clubes de 2012. Nela, o jornalista relata sua experiência em um bar, de nome “Ju Toku”, no qual faz uma analogia do significado do nome com supostas características do futebol brasileiro.

Orlandi (2007) em sua obra “Análise do discurso: princípios e procedimentos” nos mostra que o discurso trata a respeito da linguagem, daquilo que o ser humano fala e dá sentido ao que está sendo dito. Trata-se de compreender o percurso do que se está a falar e é por isso que entendemos que a análise do discurso retrata o efeito de sentido entre locutores.

Refletimos aqui então a ideia do efeito de sentido do discurso (Orlandi, 2001, 1994), já que a analogia feita pelo jornalista aparentemente tenta transcender essa bravura, coragem e determinação do significado do nome do bar para o Sport Club Corinthians Paulista e sua torcida, os quais teriam que ter muito “Toku” para vencer a final e sagrarem-se campeões mundiais.

O trecho compreende então o mítico de uma batalha heroica que só através da superação dos obstáculos ao adentrar o limiar da aventura, permitiriam que o clube paulista

alcançasse a dádiva da vitória no desafio que estava posto (Campbell, 1997).

Esse sentido pode ser entendido a partir do momento que compreendemos a construção da crônica a partir de um jornalista brasileiro em território estrangeiro, sendo que um contexto semelhante relatado pela imprensa inglesa, muito provavelmente geraria outro efeito analítico acerca da representatividade do significado do nome do bar ou mesmo das características que esse viesse a ter com o futebol disputado na Inglaterra. Na sequência da crônica, o autor afirmou:

Na boa, eles têm mais estrelas, jogaram melhor contra o Monterrey do que nós contra o Al Ahly, e, vamos admitir, estão na frente na bolsa de apostas. Mas você acha que o Torres, com aquela pinta de Golf Club, tem Toku? Que o Rafael Benitez, que não vê a hora de mudar de emprego, tem Toku? Que essa torcida, que veio até o Japão pra ficar homenageando o Di Matteo, tem Toku? Não, eles têm tanto Toku quanto um quimono tem sabor. Já nós, meu amigo, temos Toku até o osso: não dez, como o bar, mas 11. E 20 mil. E 30 milhões. Vai, Curintcha!

Percebemos no texto, o que Orlandi (2009) em sua obra “Discurso e Leitura” denomina de diversidade de posições do sujeito que discursa. O ponto de compreensão está no significado que estas posições representam e como podemos entender o sentido da discussão a partir das formações discursivas do autor da crônica.

Vejamos: como jornalista ele inicia a fala ponderando as qualidades do adversário e os riscos que o Corinthians sofreria por ser aparentemente uma equipe mais frágil tecnicamente.

Mas em seguida, captamos na fala as particularidades oriundas da especificidade de uma crônica esportiva (Costa, 2008), quando o autor transcende o significado de “Toku” aproximando-o misticamente do clube brasileiro e afastando-o do clube londrino.

Por último, Antônio Prata demonstra aquilo que Orlandi (1983) denomina de subjetividade ideológica, ao fechar o texto com um “Vai Curintcha” que denota sua aproximação, enquanto brasileiro (até por referir-se através da conjugação “nós” [brasileiros] e “eles” [ingleses] no texto), e por vez nos faz imaginar na possibilidade de sua identificação como corintiano.

Ainda a respeito da ideologia (Orlandi, 2009), notamos como alguns cronistas exercem sua subjetividade mais explicitamente do que outros. Analisamos então uma crônica de Juca Kfourri:

Se Alessandro, o capitão corintiano, quiser mesmo levantar a taça, precisará de ajuda. Por que o belga Hazard, no mano a mano, fará dele gato e sapato. A cabeça de Tite deve estar fumegando. O que se viu do Chelsea contra o Monterrey, um treino de luxo com direito a pequenas, e fulminantes, blitzes, será mantido na decisão ou o técnico espanhol do time londrino será mais conservador e devolverá o excelente volante David Luiz à zaga, além de tirar Ramires e Moses do banco para montar uma defesa mais forte e pôr Oscar na reserva? O time mais veloz que o técnico corintiano admite escalar buscará mesmo mais rapidez ou a entrada de alguém como Jorge Henrique que terá o papel de secretariar o capitão, como funcionou contra Neymar na Libertadores? É óbvio que é a segunda opção” (Kfourri, Folha de São Paulo, 16 dez. 2012. p. D5).

A análise do Juca Kfourri aparenta mais racionalidade em relação ao pensamento elaborado por Antônio Prata. A crônica acima denota a subjetividade implícita pelas características pessoais do autor, que prefere um discurso mais conservador e crítico na forma de refletir sobre as variantes táticas que poderiam determinar os rumos da partida.

A partir da ideologia (Orlandi, 2007), podemos perceber como a crônica esportiva acaba diversificando opiniões ou formas de produção de um discurso. Mesmo enquanto representantes de uma mesma instituição, os cronistas apresentam uma independência ideológica que os permite pensar exercer uma formação discursiva, ou mesmo enxergar o objeto analisado a partir de pontos diferentes.

Orlandi (2000) vai abordar então a respeito da intertextualidade, como sendo a influência de um ou mais discursos na formação de novos discursos. Esse conceito nos permite observar a construção de uma memória social a partir da formação discursiva oriunda da ideologia implícita na trajetória histórica de um determinado autor.

É um pouco do que podemos notar na fala de Tostão, em sua crônica intitulada “O campeão é...”, na qual afirmou que na Copa de 1998, quando trabalhava na ESPN Brasil, um membro da comissão técnica da seleção

brasileira lhe deu uma entrevista afirmando que não ganharia a melhor equipe, mas sim quem atuasse melhor. Discordando do integrante da delegação brasileira, Tostão continuou, declarando que por vezes nem o melhor e nem quem joga melhor vencem, concluindo: “[...] Isso não significa que o Corinthians não possa vencer o Chelsea, como ocorreu com o Inter, contra o Barcelona, e com o São Paulo, contra o Liverpool” (Tostão, Folha de São Paulo, 16 dez. 2012. p. D6).

O trecho acima retirado da crônica de Tostão as vésperas da final resgatam a memória de outras histórias (discursos) das quais o autor se utilizou para escrever o referido texto.

Logo, o exemplo da Copa de 1998 serve para embasar uma crítica que nos leva a refletir sobre a forma de pensamento a respeito da imprevisibilidade do futebol. E os exemplos de outros brasileiros campeões mundiais apontam para uma justificativa plausível em acreditar que a vitória inesperada, seria possível.

Nesse ponto podemos avançar a discussão no sentido de analisar a relação entre a exterioridade e a ideologia (Orlandi, 1996).

Percebemos no discurso que ambas influenciam no processo de formação discursiva do autor, já que a primeira trata de subsidiar o discurso a partir de outros discursos já contextualizados e a segunda sustenta as ideias a partir da trajetória histórica vivida.

Pós-jogo na crônica esportiva: o reflexo da vitória corintiana

No dia seguinte após a conquista, Antônio Prata em sua crônica intitulada “Foi, Curitiba!” afirmou que o estádio de Yokohama tomado pela torcida corintiana tinha sido uma das coisas mais bonitas que viu em sua vida. Elegeu o torcedor do Corinthians um dos responsáveis direto pela vitória diante do Chelsea, definindo: “E não é que funcionou? Como em raras vezes na vida, tudo deu certo. A torcida empurrou, o time respondeu, goleamos por 1x0.” (Prata, Folha de São Paulo, 17 dez. 2012. p. D4).

Nesse ponto do texto, notamos o que Orlandi (2007) denomina de condições de produção de um discurso, ou seja, qual o

contexto imediato em que o sujeito se encontra como enunciador do pronunciamento.

No caso de Prata, notamos um claro envolvimento com o ambiente da partida, primeiramente pela descrição de detalhes que denotam a emoção vivida por alguém que acompanhou *in loco* a vitória e segundo por se tratar de um jornalista brasileiro que se inclui como participante ativo (utilizando-se da conjugação “nós”) da situação, o que proporcionou uma narrativa passional a respeito da conquista.

A liberdade de expressão proporcionada pelo jornalismo esportivo e em específico pela crônica, comprova em partes esse discurso lúdico que entretêm o leitor a adentrar na emoção que o contexto imediato da final proporcionou. Para, além disso, percebemos como as condições de produção de um discurso influenciam no produto finalizado (a crônica) e como a situação aparentemente envolve o autor a escrever a partir de uma das características dessa identidade futebolística nacional que é a paixão pelo esporte.

“[...] neguinho vendeu o carro, pegou empréstimo no banco, parcelou em três gerações, descolou casaco com o tio, ceroula com o primo, a avó tricou a luva e cada corintiano no estádio fez valer o dinheiro, a paixão e o esforço que os trouxe até aqui” (Prata, Folha de São Paulo, 17 dez. 2012. p. D4).

A crônica também remete a discussão que Orlandi (1994) trata acerca do efeito de sentido entre locutores, já que o sentimentalismo implícito no torcedor que compareceu ao estádio pode ser compreendido pelos que não foram através da leitura deste trecho do texto.

E a compreensão só faz sentido para aqueles que entendem as razões dos milhares de torcedores que se desfizeram de bens materiais para ir até o Japão apreciar a vitória corintiana. Para aqueles que consideram tais feitos uma “loucura” não é possível perceber a profundidade passional que o discurso elaborado toma. Por essa razão que o efeito de sentido do discurso deve ser compreendido por enunciador e enunciatário, caso contrário, o discurso estaria fadado ao fracasso (Orlandi, 1983).

Pensando novamente o que Orlandi (2007) entende por condições de produção,

notamos que mesmo o crítico e racional Juca Kfourri expressou a passionalidade oriunda da imprevisibilidade que proporcionou a vitória corintiana e a conquista do Mundial de clubes.

Em sua crônica intitulada: “O erro de Yuri Gagarin”, o autor contrasta a ideia do primeiro astronauta a viajar para o espaço e identificar a Terra como sendo azul e a conquista corintiana que simbolicamente teria transformado o Planeta em preto e branco, alusão à vitória do alvinegro Corinthians sobre os “Blues” do Chelsea (Kfourri, Folha de São Paulo, 17 dez. 2012. p. D5).

Ao se declarar corintiano publicamente, presenciar a vitória do clube paulista *in loco* e descrever sua crônica em tom folhetinesco, compreendemos que as condições de produção favoreceram a exacerbação das características sentimentais preconizadas nas crônicas esportivas ao longo de sua consolidação no cenário jornalístico brasileiro (Capraro, 2007).

Logo, torna-se compreensível o efeito de sentido causado pela espetacularização do feito corintiano, já que o contexto imediato favorecia uma narrativa mítica de uma vitória que aparentemente era inesperada, segundo a própria crônica “racional” do Juca Kfourri um dia antes da conquista corintiana.

CONCLUSÃO

O editorial esportivo possui maior liberdade de expressão perante os demais cadernos jornalísticos (Borelli, 2001).

Em partes, tal espaço é consequência da caracterização do futebol como parte da indústria cultural de entretenimento, o que permite a idealização e a formação de opinião particularizada de algum tema oportunamente abordado pelo jornal.

No caso da crônica esportiva, essa característica é ainda mais aflorada, já que o efeito de sentido entre locutores trata de estabelecer diretamente o sentido crítico do que se perpassava antes da conquista corintiana no mundial de clubes.

Após a vitória na final, as crônicas explicitam o sentimentalismo através de narrativas originárias da paixão futebolística brasileira, onde em determinados momentos, os próprios autores se incluem dentro do contexto vivido ao relatar suas experiências sobre a partida.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Apesar da liberdade expressiva e da criticidade pela possibilidade de idealizar os próprios pensamentos, a crônica enquanto um gênero narrativo demonstra a efemeridade de seus discursos, permeando suas falas a partir da ideologia de quem escreve e de outros discursos que por consequência influenciaram na formação discursiva dos autores, que enaltecem o clube e a torcida, repercutindo a conquista internacional do Corinthians a partir do sentimentalismo implícito na crônica esportiva.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho contou com apoio financeiro da CAPES.

REFERÊNCIAS

- 1-Borelli, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: Uma breve revisão de estudos. In Intercom/2001. XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande. p. 1-15. 2001.
- 2-Campbell, J. O herói de mil faces. São Paulo. Editora Pensamento. 1997.
- 3-Capraro, A. M. Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. Tese Doutorado em História. Departamento de História. UFPR. Curitiba. 2007. 382p.
- 4-Costa, L. M. A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. Tese Doutorado em Letras. Departamento de Letras. UERJ. Rio de Janeiro. 2008. 159p.
- 5-Damos, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol espetáculo. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo. Vol. 23. Núm. 66. 2008.
- 6-Gastaldo, E. L. "Os campeões do século": notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 22. Núm. 1. p.105-124. 2000.
- 7-Helal, R.; Soares, A. J. A invenção do país futebol: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro. Mauad. 2001.
- 8-Kfourri, J. O erro de Yuri Gagarin. Folha de São Paulo, 17 dez. 2012. p. D5.
- 9-Kfourri, J. Que Chelsea vem? Folha de São Paulo, 16 dez. 2012. p. D5.
- 10-Orlandi, E. P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. São Paulo. Brasiliense. 1983.
- 11-Orlandi, E. P. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas. Pontes. 2007.
- 12-Orlandi, E. P. Discurso e leitura. São Paulo. Cortez. 2009.
- 13-Orlandi, E. P. Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas. Pontes. 2001.
- 14-Orlandi, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. Em aberto. Brasília. Núm. 61. p.53-59. 1994.
- 15-Orlandi, E. P. Exterioridade e ideologia. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas. Vol. 30. p.27-33. 1996.
- 16-Orlandi, E. P. Lexicografia discursiva. Alfa. São Paulo. Vol. 44. p.97-114. 2000.
- 17-Prata, A. Foi, Curintcha! Folha de São Paulo, 17 dez. 2012. p. D4.
- 18-Prata, A. Ju Toku. Folha de São Paulo, 16 dez. 2012. p. D3.
- 19-Proni, M. W. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Tese Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998. 262p.
- 20-Tostão. O campeão é...Folha de São Paulo, 16 dez. 2012. p. D6.

Recebido para publicação em 11/07/2018
Aceito em 06/01/2018